



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante
sanção de lei que estende merenda e transporte escolar ao ensino médio**

Centro Cultural Banco do Brasil, 16 de junho de 2009

Ilustre ministro Fernando Haddad,
Senhor Daniel Balaban, presidente do Fundo Nacional de
Desenvolvimento da Educação,
Senhor Adoniram Peraci, secretário de Agricultura Familiar do Ministério
do Desenvolvimento Agrário,
Senhor deputado Nazareno, do estado do Piauí,
Quero cumprimentar todas as autoridades aqui presentes,
Senhoras e senhores,
Meus amigos da imprensa,

O Ministro disse que devia me agradecer por eu estar sancionando esta Lei. Eu digo que é um privilégio, Ministro que, na interinidade, caia para eu sancionar uma lei destas, porque esta é a melhor bondade que o governo poderia fazer. Então, não é sempre que cai. Normalmente, às vezes, cai alguma coisa para que eu assine, que não é bem bondade, mas esta é uma grande bondade. Tudo o que se puder fazer pela educação é pouco. Tudo.

Eu me lembro bem – vocês não eram nascidos –, mas eu me lembro bem quando terminou a Segunda Guerra Mundial. Então, o Japão perdeu a guerra e ficou o país ocupado, ele não podia desenvolver nada ligado a questões bélicas. O Japão, como todos sabemos, é um arquipélago de ilhas vulcânicas, ele não tem recursos naturais. Então, o Japão resolveu aplicar firme na educação, na transferência de conhecimento e de tecnologia para todo o seu povo. Logo, logo, o Japão saiu como grande potência mundial. Ele



chegou a produzir 120 milhões de toneladas de aço sem possuir minério de ferro, nem carvão mineral. Ele importava minério de ferro e carvão mineral, que são os dois insumos básicos para a indústria siderúrgica. E assim mesmo ele obteve esse sucesso. Naquele tempo, nós produzíamos 1/10 disso, coisa de 12 milhões de toneladas. Mesmo assim, bem depois disso é que nós alcançamos as 12 milhões de toneladas. Então, o Japão venceu aplicando na sua força humana, através da educação, do conhecimento, da tecnologia, da cultura.

Então, é muito bom quando a gente pode participar de um ato como este, especialmente na condição de presidente interino, porque nós estaremos... nossa assinatura está posta, vai para o Diário Oficial, e isso já é alguma coisa que nos conforta. Se nós não tivéssemos feito nada, isso aqui já é alguma coisinha na Vice-Presidência, que eu poderei mostrar com orgulho para os meus netos: “olhe, seu avô assinou uma merendinha”. Porque não tem cabimento, por exemplo, um aluno de pré-escolar chegar pobre, chegar à escola, e o que está no primeiro ano tem a merenda. Ele ainda não tem a merenda, não é assim? Isso agora está contemplando também... e do Científico, antigo Científico, que é hoje o ensino médio.

Então, isso é uma coisa extraordinária. Eu digo isso com muita tranquilidade pelo seguinte, Ministro: eu sou de família pobre, criado no interior, “interiorão” do município de Muriaé. Meu pai tinha uma pequena casa comercial que era, naquele tempo, chamada venda. Uma venda de secos e molhados, pequena, na fazenda. Não era um arraial, não era um povoado, não era um distrito. Era o córrego do canteiro de baixo, fazenda do Mário Serenário. Tinha lá uma casa onde tinha a residência e três portas na frente de alguma lojinha, e o papai comprou aquilo e nós, então, morávamos lá.

Isso foi antes da guerra, antes do início da Segunda Guerra Mundial, e o papai assinava o Correio da Manhã. O Correio da Manhã era um matutino importantíssimo do Rio de Janeiro, porque o Rio tinha o Diário Carioca, o Diário de Notícias como matutinos, tinha o Jornal do Brasil. O Jornal do Brasil era



mais [para] pequenos anúncios, mas o jornal principal, eclético, do Rio, era o Correio da Manhã. Ele chegava lá com quatro dias de atraso, mas as pessoas da região iam à noite lá para casa, sob a luz de lampião, porque lá não tinha energia elétrica, sob a luz de lampião – lampião chamado lampião Aladim – e o papai, então, lia as notícias para eles e eles ali, lendo notícias, a mamãe fazia um biscoito de farinha de trigo e um cafezinho e servia, e aquilo ali foi a minha vida lá, criança.

Mas não tinha escola. E nessa altura – porque eu sou de 1931, outubro de 1931 – eu já estava com meus sete anos e não tinha escola, mas eu era alfabetizado, porque a mamãe e o papai nos alfabetizavam. A mamãe e o papai tiveram 15 filhos e eu já era... Tanto que, na vendinha, os filhos chegavam: “papai mandou comprar um quilo de macarrão”. Eu atendia o quilo de macarrão e anotava em um livro chamado borrador: Américo Laureano, um quilo de macarrão, tanto. Depois aquele borrador era passado para o contador-corrente, aquele negócio... E só se recebia no fim do ano em café, na safra. Quando o café caía de preço, aí as coisas iam à estaca zero e o papai lutou com isso a vida toda. Eu me lembro que havia um cidadão chamado Pedro Corrêa – tinha apelido de Pedro Carlota, por causa da avó dele, era dona Carlota, famosa – e ele se casou com a filha de um fazendeiro chamado capitão Justino Pedrosa. Ela era normalista recém-formada. Curso Normal, com 18 anos, era equivalente ao (incompreensível). Então, era uma normalista... então as moças faziam o curso Normal e se casavam, às vezes. Normalmente se casavam. E não se utilizavam do curso. Utilizavam-se de [tornavam-se] donas de casa, compravam uma máquina de costura e... Era assim, a vida era diferente.

Pois bem, um belo dia... esse Pedro Carlota passava e pedia o jornal emprestado, o Correio da Manhã. Papai emprestava e falava com ele: “Você não debulha o jornal, não, traz direitinho”. Porque ele guardava o jornal arrumado. Um belo dia o papai falou com ele: “Pedro, você é um moço tão



preparado” – ele tinha o Científico na época – “você é um moço tão preparado, a sua esposa, Célia, é normalista. Aqui nesta região não há uma escola. Vocês podiam fazer uma escola. Tem tanta criança aqui”. Ele, então, falou com o capitão Justino Pedrosa e o capitão Justino Pedrosa doou uma tulha para que se instalasse ali a escola. Tulha é um tipo de edificação de piso de chão, paredes de ripa com barreadas e cobertas de sapé. Isso é uma tulha. Tulha é para guardar milho em casca... Então, ele doou aquela tulha, e um carpinteiro que tinha fez “aqui” um pau fincado “aqui, outro aqui”, uma tábua era a carteira e um [pau] mais baixo era o banco.

Nós éramos 14 crianças. O papai fez o quadro negro com uma tábua de caixote, fez o quadro negro, deu três demãos de piche – eu mesmo o ajudei a passar – e ele comprava giz quando ia fazer compras na cidade. Ele trazia uma caixa de giz, punha lá, e aquilo era o quadro, feito em uma tábua de caixote – caixote que tinha muito na venda, porque vinha mercadoria encaixotada.

Pois bem, eu estudei nessa escola três anos: seria o primeiro, o segundo, o terceiro ano primário. Só que essa escola não tinha compromisso curricular, Ministro. Eles não tinham nenhum compromisso curricular e eu me lembrei disso agora aqui, no momento em que o Ministro falou que a criança que não tem alimentação tem dificuldade para aprender. Pois bem, lá entre nós havia algumas crianças subnutridas que não aprendiam de forma alguma, não aprendiam. Dona Célia e o senhor Pedro ensinavam tudo que sabiam para nós. Eles iam ensinando na medida em que os meninos que tinham maior condição de absorver, eles iam ensinado. [Mas] eles não tinham nenhum compromisso curricular, de forma alguma.

Eu tinha um livro de aritmética chamado Aritmética Elementar, de Ari Quintela. (incompreensível), o senhor estudou, está vendo? Ari Quintela, é famoso. Existem até hoje livros dele, devem existir. Bom, o certo é que nós tínhamos uma escola privilegiada, uma escola excelente, porque era um casal maravilhoso. Só que esse curso não era reconhecido, porque ele não tinha



nada a ver, ele não tinha ligação nenhuma com o sistema educacional brasileiro. Aquilo era uma boa vontade de um casal lá daquele “interiorão” e do fazendeiro, capitão Justino Pedrosa, que doou aquela tulha para se fazer ali a escola.

Então, eu conheço bem essa desigualdade social que ainda está presente hoje nas escolas. E agora nós estamos assinando um ato que ameniza um pouco essa desigualdade, estendendo a merenda a todos, até o final do ensino médio. Então, isso é muito bom.

Além disso, nós estamos também contemplando transporte, e contemplando também o Dinheiro Direto na Escola. Eu até tomei nota: Dinheiro Direto na Escola. Dinheiro Direto na Escola é aquele dinheiro de que às vezes a escola precisa para uma manutenção, para resolver um problema do sistema de água, do sistema disso, ou de cobertura que está... manutenção da escola. Então, isso é muito importante, é uma prova do carinho, do cuidado, da dedicação com que o Ministro trabalha à frente deste Ministério.

É claro que a gente tem que sempre dizer: falta muito para nós chegarmos a um grau ideal na educação no Brasil. Mas nós, hoje, somos quase 200 milhões de habitantes, e nós não somos um arquipélago de ilhas vulcânicas. Nós somos um país de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, rico em recursos naturais, e rico também em recursos humanos, porque o brasileiro, além de pacato, ordeiro e inteligente, ele é versátil. Até pela própria miscigenação da raça o brasileiro é versátil. O brasileiro tem uma facilidade enorme de se adaptar, de aprender alguma coisa.

Então, aplicar na educação é o melhor investimento que se faz para que o Brasil alcance o lugar que lhe cabe no concerto internacional, inclusive no aspecto econômico, porque é claro que tudo isso vai repercutir no desenvolvimento econômico. No momento em que nós tivermos um povo desenvolvido, nós teremos condições de desenvolver atividades que irão colocar o Brasil no lugar que lhe está reservado, pelo que ele representa, em



termos de recursos naturais e humanos.

Quero parabenizar o Ministro. Quero dizer que estou aqui, também, representando o presidente Lula, que gostaria muito de estar aqui neste ato hoje, e só está sendo assinado hoje, antes da volta dele, porque tem prazo, tem que ser assinado por causa do prazo. Então... O Presidente chega na madrugada de quinta, então provavelmente já tivesse passado o prazo, pelo que me falaram. Então, tinha que assinar hoje, como tem outros atos que ainda vou ter que assinar. Não tão bondade quanto este.

Obrigado.

(\$22A)